

DIFICULDADES APRESENTADAS POR ENFERMEIROS NA OPERACIONALIZAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM- SAE

Cruz, L.S.D.F, Leme, P.F.B, Cruz, V.M.F.R, Filipini, S.M

Universidade do Vale do Paraíba / Faculdade de Ciências da Saúde
Avenida Shishima Rifumi, 2911 – Urbanova / São José dos Campos- SP
vanda@univap.com.br / sfilipini@yahoo.com.br / cruzlucelia@bol.com.br / paolaf_lb@ig.com.br

Resumo- A sistematização da Assistência de Enfermagem - SAE proporciona assistência individualizada e de qualidade ao cliente, com embasamento científico. Existe, porém, uma desarticulação entre a teoria e prática, o que não favorece uma assistência ordenada. Este estudo teve como objetivo identificar as dificuldades apresentadas na operacionalização da SAE em um hospital privado. Foram entrevistados 20 enfermeiros por meio de um questionário semi-estruturado. A maioria dos Enfermeiros apontou realizar a SAE e acreditar em sua importância para o planejamento da assistência. Eles identificaram problemas como dificuldades no diagnóstico de enfermagem e no cumprimento da prescrição por falta de tempo e excesso de atividades administrativas.

Palavras-chave: Enfermeiros, Operacionalização, Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Área do Conhecimento: Enfermagem.

Introdução

A preocupação em estabelecer uma normatização de cuidados individualizados ao cliente vem sendo percebida pela enfermagem há décadas. Desde 1929, nos Estados Unidos, e 1934 no Brasil, a utilização de estudos de casos foi introduzido nas discussões de ensino e práticas. Estes estudos eram compostos basicamente, de história da doença, evolução da moléstia, tratamento médico e cuidado de enfermagem (ANDRADE et al, 2005).

O Processo de enfermagem, na definição de Horta, é a dinâmica das ações sistematizadas e inter-relacionadas, visando a assistência ao ser humano. O modelo conceitual por ela apresentado, representa a matriz de idéias que, em sua totalidade, simbolizam o homem. Assim Horta desenvolveu a Teoria das Necessidades Humanas Básicas, que procura mostrar a Enfermagem como ciência aplicada, transitando da fase empírica para fase científica, desenvolvendo suas teorias, sistematizando seus conhecimentos, pesquisando e tornando-se a cada dia, uma ciência independente (VARGAS et al, 2007).

A preocupação em orientar as atividades de enfermagem com respaldo no método científico teve como marco o desenvolvimento e divulgação do Processo de Enfermagem, que foi inicialmente expresso na literatura norte americana, nas décadas de 1950 e 1960 (FIGUEREDO et al, 2006).

No Brasil, o modelo mais conhecido e seguido para a implantação do processo de enfermagem é o proposto por Horta em 1979, o qual contém as

seguintes fases: a) histórico de enfermagem; b) diagnóstico de enfermagem; c) plano assistencial; d) prescrição de enfermagem; e) evolução de enfermagem e f) prognóstico de enfermagem. A sua aplicação na prática clínica, desde então, vem sofrendo modificações que freqüentemente descaracterizam a sua utilização (CUNHA et al, 2005).

Atualmente a Resolução COFEN nº 358/2009 dispõe sobre Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados em que ocorrem o cuidado Profissional de Enfermagem.

Com a aprovação da Lei do Exercício Profissional de Enfermagem, que estabeleceu como atribuição privativa do enfermeiro a prescrição de enfermagem, o processo de assistência passou a ser alvo de preocupação para os profissionais brasileiros. Nesse contexto, a SAE tem sido objeto de diversos estudos, tanto na formação como nos serviços de saúde, com a finalidade de aprimorar o conhecimento científico dos cuidados em enfermagem, assegurar uma assistência individualizada e garantir autonomia profissional (BACKES et al, 2008).

Na década de 1990, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases de Educação (Lei nº 9394/96) ocorreu a substituição do antigo currículo mínimo pelas diretrizes curriculares, trazendo maior flexibilidade à operacionalização do currículo pleno de graduação. Desta forma o processo de enfermagem pôde ser inserido de forma efetiva nos currículos dos cursos de

graduação, preparando o acadêmico para utilização desta ferramenta em sua atuação profissional. Segundo FIGUEREDO et al 2006 por tratar-se de um conhecimento introduzido no Brasil na década de 70, ainda apresenta uma enorme lacuna entre a produção do conhecimento e a sua aplicabilidade na prática diária do enfermeiro.

A partir da necessidade de padronização de uma linguagem que pudesse ser entendida e praticada por enfermeiro em vários locais, começaram a ser criados instrumentos de trabalho que proporcionassem a interação dinâmica durante a execução do Processo de Enfermagem.

Os sistemas de classificação fornecem uma linguagem padronizada, utilizada no raciocínio e julgamento clínico sobre as respostas humanas aos problemas de saúde e processos vitais, facilitando a detecção dos diagnósticos, intervenções e avaliação dos cuidados, de acordo com o problema apresentado pelo indivíduo, organizando e orientando as ações de enfermagem para as necessidades individuais (VARGAS et al, 2007).

Este estudo teve como objetivo identificar os problemas apresentados pelos enfermeiros de uma instituição privada em São José dos Campos, quanto a Operacionalização da Assistência de Enfermagem-SAE.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa seguindo os preceitos éticos da Resolução 196/96 e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da UNIVAP sob parecer nº H221/ CEP/2009. A pesquisa foi realizada em uma instituição privada de São José dos Campos.

A casuística foi Enfermeiros que trabalham na instituição e aceitaram responder o questionário. Todos os voluntários que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta se deu por meios de visitas em dias e turnos diferentes respeitando a disponibilidade dos participantes e da instituição.

Utilizou-se, para coleta de dados, um questionário contendo perguntas abertas e fechadas sobre Sistematização da Assistência de Enfermagem- SAE.

Resultados

A amostra foi de 20 enfermeiros que atuam em setores abertos e fechados de uma instituição privada de São José dos Campos, tendo como critério de exclusão, os enfermeiros que não aceitaram participar da pesquisa. Os questionários

foram distribuídos pelos pesquisadores nos setores pertinentes, aplicados conforme a disponibilidades do hospital no período de 02 fevereiro à 31 março 2010.

A figura 1 demonstra que 90% (18) responderam que realizam a Sistematização da Assistência de Enfermagem e apenas 10% (02) não a realizam.



Figura 1. Enfermeiros que realizam a Sistematização da Assistência de Enfermagem. São José dos Campos, 2010. (n=20)

Quando questionado sobre os fatores que dificultam a realização do SAE, obtivemos as seguintes respostas demonstradas, na figura 2: 85% (17) excesso de atividades administrativas, 30% (06) números reduzidos de enfermeiros para total de pacientes, 10% (02) falta de colaboração da equipe (técnicos, auxiliares) e 05% (01) conhecimento insuficiente em todas as etapas. A falta de impresso ou impresso inadequado, não foi apontado como fator dificultador.

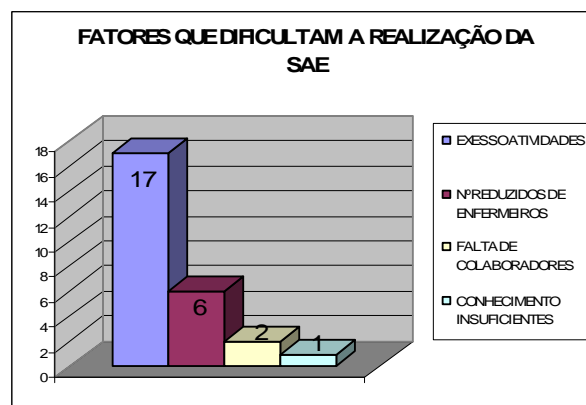


Figura 2. Fatores que Dificultam a Sistematização da Assistência de Enfermagem. São José dos Campos, 2010. (n=20)

Com relação à etapa que apresenta maior dificuldade, a figura 3 demonstra que 75% (15) voluntários relataram ser o diagnóstico de enfermagem, 25% (05) histórico e 05% (01) exame físico. Não foram apontadas dificuldades nas etapas de prescrição e evolução.

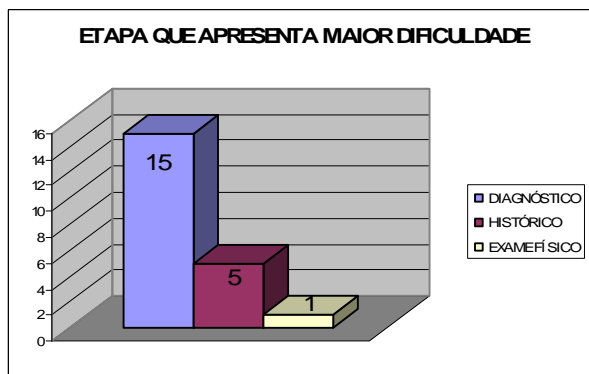


Figura 3. Etapa que apresenta maior dificuldade.

São José dos Campos, 2010. (n=20)

A tabela 1 apresenta o parecer dos voluntários, frente a operacionalização das etapas da Sistematização da Assistência de Enfermagem.

QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO
- Dados coletados no histórico são esclarecedores para definição do diagnóstico.	35%	65%
- Exame Físico é parte integrante da coleta dados.	100%	--
- Utiliza-se uma taxonomia padrão para definição do diagnóstico.	30%	70%
- A prescrição de Enfermagem atende as necessidades do paciente.	20%	80%
- A equipe realiza as intervenções baseada na prescrição de enfermagem.	100%	--
- Utiliza-se impresso próprio para registro da SAE.	100%	--
- O impresso pré elaborado auxilia na operacionalização da SAE.	65%	35%

Questionados se conhecimento sobre Sistematização da Assistência de Enfermagem adquirido na formação acadêmica lhe deu subsídio para a operacionalização da SAE em sua atuação profissional, 80% (16) dos entrevistados relatam que sim e 20% (04) não, conforme demonstra a figura 4.

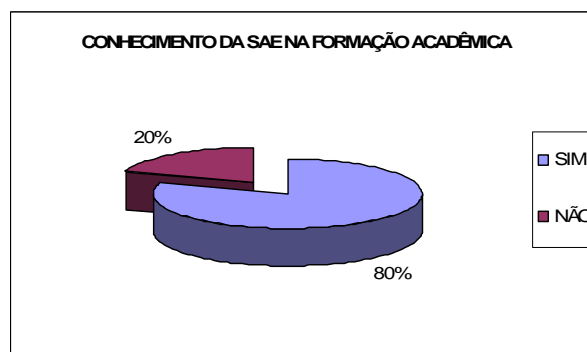


Figura 4. Conhecimento adquirido na formação acadêmica.

São José dos Campos, 2010 (n=20)

Discussão

Dos Enfermeiros entrevistados, a maioria relata que realiza a SAE. Lanssoni et al, 2008 afirma que a implantação da SAE nas instituições de saúde pública e privada tornou-se obrigatórias, conforme a Resolução Cofen nº 272/2004, revogada pela Resolução Cofen nº 358/2009, onde as etapas do Processo de Enfermagem foram descritas. Nota-se, no entanto, que existem muitas barreiras que se sobrepõem à implantação e operacionalização de uma sistematização completa.

Questionados sobre os fatores que dificultam a realização do SAE a maioria dos voluntários relata o excesso de atividades administrativa e número reduzido de profissionais. Vieira et al 2005, em seu estudo observou que a atuação do enfermeiro nem sempre está direcionada ao atendimento das necessidades do cliente, e sim à realização de ações não inerentes à enfermagem, levando à execução de atividades de outros profissionais ou cumprimento de tarefas puramente burocráticas, o que desvia o enfermeiro do cumprimento de suas atribuições. Lanssoni et al, 2008 e Tannure et al 2009 apontam que o número reduzido de funcionários e ausência de Enfermeiros nas 24 horas, dificultam a operacionalização da SAE.

A etapa da SAE que apresentou maior dificuldade no relato dos entrevistados foi o Diagnóstico de Enfermagem. Em 2009 Tannure et al observou que a fase do levantamento dos diagnósticos de enfermagem tem sua utilização na prática ainda dificultada, Enfermeiros apontam que sentem dificuldades em elaborar diagnósticos de enfermagem por considerarem o assunto muito complexo; desconhecem o tema; considerarem que as taxonomias utilizadas não representam a realidade brasileira; por terem receio da responsabilidade exigida para a elaboração dos mesmos e por existir resistência por parte dos

profissionais médicos e inclusive dos enfermeiros quanto à utilização de diagnóstico como ferramenta de trabalho da enfermagem.

A maioria dos entrevistados afirma que os dados coletados não são esclarecedores para realizar um diagnóstico, porém Brittar et al 2006 afirma que a coleta de dados tem por finalidade identificar os problemas reais ou potenciais do cliente, de forma a subsidiar a elaboração do diagnóstico de Enfermagem e o plano de cuidados a fim de atender as necessidades encontradas, prevenindo as complicações. É uma das etapas da sistematização que exige tempo e trabalho, reunindo informações indispensáveis à comprovação da hipótese diagnóstica.

Com relação à coerência das prescrições de enfermagem, a maioria dos entrevistados afirma não atender as necessidades do paciente. Vale destacar que na instituição estudada utiliza-se de um impresso pré elaborado, onde o Enfermeiro seleciona os itens a serem prescritos. Backes et al 2008, em seu estudo afirma que a SAE que vem sendo aplicada tem como pressuposto, o enfermeiro determinando o sistema de cuidados em saúde, a partir da sua visão de mundo, sociedade e ser humano. É preciso, todavia, que escolhas do que fazer e como fazer sejam baseadas nas necessidades individuais de cada paciente e discutidas com a equipe de saúde e com o próprio paciente, como um ser pensante, dotado de consciência e autonomia.

Todos os entrevistados afirmam que a equipe de Técnicos e Auxiliares de Enfermagem tem suas intervenções baseadas na prescrição de Enfermagem. Segundo Tannure et al 2009, a utilização da prescrição enfermagem estabelece a diferença entre o enfermeiro que executa o seu cuidar apenas baseado no empirismo ou nas prescrições médicas e aquele que usa do métodos científico para planejar suas ações.

Apesar da maioria dos entrevistados afirmarem ter adquirido conhecimento suficiente sobre a SAE na formação acadêmica, o estudo apontou várias dificuldades na operacionalização desta ferramenta de trabalho. Segundo França et al 2007, Takahashi et al 2008, apesar dos profissionais terem aprendido e executado as etapas da SAE durante a graduação, encontraram dificuldade na sua aplicação no exercício profissional já Backes et al 2008, diz que os profissionais, principalmente os envolvidos nas funções administrativas e gerenciais dos sistemas de cuidados, percebem crescente descompasso entre o conhecimento que é produzido na academia e a prática. Acreditam que esse elemento pode estar contribuindo para a desvalorização da SAE dificultando o

desenvolvimento de processos mais flexíveis e dialógicos na perspectiva da interdisciplinaridade.

Conclusão

Apesar da maioria dos enfermeiros afirmarem que realizam a SAE, foram relatadas dificuldades na operacionalização desta ferramenta relacionadas ao excesso de atividades burocráticas atribuídas aos Enfermeiros e número reduzido de profissionais.

Embora relatem conhecimento do método científico, os entrevistados apresentaram dificuldades para abordar todas as etapas, apontando o diagnóstico de enfermagem como a etapa mais complexa, e que a prescrição de cuidados não atende as necessidades do paciente, o que aponta para a necessidade de aprimoramento profissional e busca de mais conhecimento científico para a elaboração de uma assistência de Enfermagem individualizada, de qualidade e segura para o paciente e profissionais.

Referências

- ANDRADE, J.S; VIEIRA,M.J; Prática Assistencial de Enfermagem: Problemas, Perspectivas e Necessidade de Sistematização . **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol.58, nº3, Brasília, 2005.
- BACKES, D,S; KOERICH, M, S; NASCIMENTO, K,C; ERDMANN,A,L; Sistematização da Assistência de Enfermagem Como Fenômeno Interativo e Multidimensional. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, vol.16 nº6, Ribeirão Preto- SP, 2008.
- BITTAR,D,B; PEREIRA,L,V; LEMOS,R,C,A; Sistematização da Assistência de Enfermagem ao paciente crítico: proposta de instrumento de coleta de dados. Texto e Contexto – Enfermagem, vol.15 nº4 Florianópolis.Out/Dez, 2006.
- Disponível em: Conselho Federal de Enfermagem Brasília- DF- Brasil **Sistematização da Assistência de Enfermagem SAE** COFEN, 2009. URL:<http://www.cofemsp.org.br/revista/anteriores/anteriores.html>. Acesso em: 03-11-2009.
- CUNHA, S,M,B; BARROS,A,L,B; Análise da Implementação da Assistência de Enfermagem, Segundo o Modelo Conceitual de Horta. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol.58 nº5, Brasília, 2005.
- FIGUEREDO, R. M; MASCARENHAS, S.H.Z; NAPOLEÃO, A,M,A; CAMARGO,A,B;

Caracterização da produção do Conhecimento Sobre Sistematização Assistência de Enfermagem no Brasil. **Revista Escola de Enfermagem**, vol.40 nº2, São Paulo, 2006.

-LANSSONI,F,Z; A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE); Dificuldades para sua Implantação e Operacionalização. Acesso em 15/06/2010.

-TOMAZ, V, A; GUIARDELLO, E, B; Sistematização da Assistência de Enfermagem: Problemas identificados pelos Enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem** Brasília, v.61, n.3, p. 28-34, 2005.

-TAKAHASHI, A, A. Dificuldades e facilidades apontadas por enfermeiras de um hospital de ensino na execução do processo de enfermagem. **Acta Paul Enfermagem**. São Paulo, vol.21 nº1,2008.

-TANNURE, M, C; Fatores que dificultam a Implantação do Processo de Enfermagem na Prática Profissional. **Revista Nursing**. São Paulo, p.517-519, 2009.

-VARGAS,R,S; FRANÇA, F,C,V; PROCESSO de Enfermagem Aplicado a um Portador de Cirrose Hepática Utilizando as Terminologias Padronizadas NANDA, NIC E NOC. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol.60 nº3, Brasília, 2007.